

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROE

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

RELEITURA DE HISTÓRIAS:

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA BIBLIOTECA VIVA

JOICE GOMES DE SOUZA

DOURADOS – MS

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROE

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

RELEITURA DE HISTÓRIAS:

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA BIBLIOTECA VIVA

JOICE GOMES DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, tendo como orientadora a Prof^ª Dr^ª Giana Amaral Yamin.

DOURADOS - MS

2014

S716r Souza, Joice Gomes de
Releitura de histórias: as múltiplas linguagens na biblioteca
viva/ Joice Gomes de Souza. Dourados, MS: UEMS, 2014.
21p. ; 30cm

Monografia (Graduação) – Pedagogia – Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

Orientadora: Prof. Dr^a Giana do Amaral Yamin

1. Leitura 2. Linguagens múltiplas 3. Histórias – releitura.
I. Releitura de histórias: as múltiplas linguagens na biblioteca viva

RELEITURA DE HISTÓRIAS: AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA BIBLIOTECA VIVA

Joice Gomes de Souza*

Giana Amaral Yamin**

Resumo

Este texto registra o recorte de uma experiência do Programa Institucional de Iniciação à Docência, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul no ano de 2014. Apresenta a sequência didática “João Jiló”, que envolveu crianças das turmas do quarto e quinto ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professora Avani Cargnelutti Fehlauer, localizada na cidade de Dourados-MS. As atividades ocorreram nos meses de maio e junho do corrente ano e integraram o Projeto Biblioteca Viva. Definimos como objetivos das atividades do PIBID aproximar as crianças do acervo literário da biblioteca da instituição e estimular o hábito da leitura, possibilitando que elas se expressassem por meio de diversas linguagens. Como consequência, desenvolvemos a sequência didática João Jiló, para que as crianças participassem de momentos de leitura e ampliassem seus conhecimentos de mundo. As atividades foram desenvolvidas uma vez por semana. Ocorreram rodas de conversa, contações e leituras de histórias e criações artísticas. Como culminância, organizamos a exposição dos trabalhos produzidos e a apresentação da dramatização da história “João Jiló”. Para analisar o proposto e o executado, baseamo-nos em registros do diário de bordo das pibidianas, analisados com apoio de teóricos e documentos da área da educação, entre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa. Como resultado, as crianças aproximaram-se da biblioteca da escola e se expressaram com apoio da linguagem artística, como a dramatização, a pintura, os desenhos de forma articulada.

Palavras-chave: Leitura; Múltiplas Linguagens; Pibid; Biblioteca Escolar.

Considerações iniciais

O presente trabalho discute uma experiência vivenciada no Programa Institucional de Iniciação à Docência/Pibid¹, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS. Apresenta a sequência didática/SD², intitulada, “João Jiló”, que desenvolvemos com crianças de duas turmas quarta e quinto ano, do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professora Avani Cargnelutti Fehlauer, localizada na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul. As atividades aconteceram nos meses de maio e junho do ano de 2014.

* Acadêmica e bolsista do Pibid do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, Unidade de Dourados. E-mail: joicerbds16@hotmail.com

** Professora Orientadora. Docente do Curso em Pedagogia da UEMS, Unidade Universitária de Dourados. E-mail: giana@omturbo.com

Antes de apresentar os objetivos da SD, é importante sinalizar como ela surgiu. A princípio, antes de colocá-la em prática, no mês de abril, momento inicial do Pibid, estabelecemos o primeiro contato para conhecer a realidade da escola e as crianças com as quais iríamos trabalhar.

Após a observação do espaço e da rotina da instituição, iniciamos estudos teóricos para organizar o trabalho com as crianças. E, como observamos a necessidade de elas estabelecerem contato com a biblioteca escolar, nasceu o Projeto *Biblioteca Viva*, ofertando-lhes, inicialmente, atividades semanais de leitura e de contação de histórias. Esse período de aproximação com as turmas foi importante. Para conhecê-las, planejamos atividades de leitura e, a cada encontro semanal, exploramos obras literárias de qualidade.

No primeiro encontro com as turmas, selecionamos o livro “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”! (DIAS, 2012), que narra a história de uma menina negra que gostava de si, de seu cabelo e da especificidade de sua família. Caracterizadas com uma peruca, nós, bolsistas do Pibid, lemos o enredo. Depois, propusemos que algumas crianças o recontassem, utilizando o acessório e explorando a linguagem oral, também socializaram ao grupo o que gostavam e o que não gostavam em suas vidas. (fotos 1 e 2).

Chamou-nos a atenção que algumas crianças relataram que, entre as coisas que desgostavam, destacavam-se as atividades de estudar e de ir à escola. Uma, delas inclusive, afirmou: “A escola é chata, só ficamos sentados e copiando!”.

Foto 1: Reconto da obra de Dias (2012)



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 2: Reconto da obra de Dias (2012)



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

A leitura da história “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”! (DIAS, 2012) aproximou-nos da turma e revelou-nos “pistas” do que poderíamos planejar no Pibid. Percebemos que, todas as crianças aceitaram colocar a peruca para narrar a história e que elas se divertiram com a experiência. Nesse momento, não estávamos apenas conhecendo- as,

mas, também, descobrindo a nós mesmas, pois cada descoberta gerou reflexões para o nosso trabalho como educadoras.

Mas foi a observação da reação das crianças, no segundo encontro, que definiu a proposta do Pibid. No decorrer da leitura da história “O médico Fantasma” (PRIETO, 1997), conforme (foto 3), lida com apoio da técnica da sonorização, observamos que as turmas ficaram focadas e prestaram a atenção aos sons que acompanhavam o enredo, como os sons de pássaros, de grilos, de passos e do vento forte. Nesse momento, percebemos que

[...] ouvir a história com os sons foi incentivador. Os alunos prestavam atenção em cada barulho novo, cada acontecimento. Ficavam na expectativa: “Que som é este que vocês estão fazendo?” E, naquele espaço da biblioteca, só ouvíamos os sons dos instrumentos e a leitura da história. Ao final da leitura, com o auxílio dos sons, pedimos para algumas crianças fossem à frente para recontar a história. Com a nossa mediação, cada uma conseguiu representar nos sons o “terror” do enredo e a turma ficou em silêncio para ouvir. Um menino disse que ia nos contar uma história real (que com ele já tinha acontecido algo parecido). Então, ele foi à frente e contou (sem usar os instrumentos), mas, suas falas, eram assustadoras. A sala queria mais histórias e todos reclamaram (“já acabou?”), sinal que estavam gostando daquele momento na biblioteca (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Avaliando a atividade da contação constatamos que a proposta foi aceita pelas crianças. Todas quiseram participar, pois, para elas, era algo novo, uma descoberta, uma “história viva”. (foto 4). Apesar disso, neste dia, não foi possível que todos recontassem a história, o que gerou frustração. E, para tentar “resolver” aquele fato, consultamos se elas gostaram da atividade. E, como a resposta foi afirmativa, propusemos que trouxessem, para o próximo encontro, materiais que produzem efeitos sonoros (pedras, areia, papéis, folhas secas, garrafas, entre outros), para montarmos uma caixa de sons e construir histórias sonorizadas. Com isso, idealizamos a SD “João Jiló”, explorando recursos oriundos de múltiplas linguagens. Essa experiência será relatada neste artigo. Para melhor compreensão do texto, abaixo o enredo da história “João Jiló”:

Há muito tempo, numa fazenda não muito longe daqui, morava um menino chamado João Jiló. Ele era muito levado, malcriado e teimoso. Gostava de fazer maldades com os animais, um dia, ele acordou e disse à sua mãe: - Mãe, hoje eu acordei com uma vontade grande de caçar passarinho, eu vou sair e só volto quando conseguir pegar um bem bonito, gordinho e que dê para fazer um ensopado bem gostoso, viu? [...] Mas, João já estava resolvido. Pegou seu bodoque e saiu caladinho. Quando chegou a floresta, logo ele viu um passarinho estranho. Muito diferente mesmo [...] E pegou uma pedra, colocou no bodoque, mirou bem o passarinho. Quando ele ia atirar, o passarinho cantou:- Não me mate não João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar!Mas não adiantou, João Jiló atirou e acertou a cabecinha do passarinho, que caiu no chão com as perninhas pra cima. Então, ele pegou o passarinho, colocou dentro da sacolinha e foi para casa. Quando chegou em casa, foi direto para cozinha. Começou a depenar o passarinho, quando ele cantou: - Não me depene não, João Jiló! Eu vim para cantar, João Jiló! Sou bicho do mato, João Jiló! Para piar! E adiantou? Não. Aí que João Jiló tirou mesmo as

peninhas do passarinho. [...] Depois, levou o coitadinho para a pia, pegou uma faca enorme para partir o passarinho, mas ele cantou: Não me parta, João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar! Ele partiu o passarinho assim mesmo e o lavou bem lavadinho. Quando ele ia temperar o bichinho, ele cantou: - Não me tempere não, João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar! Depois, João Jiló, pegou uma panela, colocou óleo, pôs para esquentar, mas, quando ia fritar o passarinho, ele cantou: - Não me frita não, João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar! Ele fritou o passarinho. Pegou um prato, e, quando ia comê-lo, o passarinho cantou: - Não me coma não, João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar! Ele comeu o passarinho todinho de repente, a barriga de João Jiló começou a inchar... A inchar... E ele ouviu uma voz vinda lá de dentro: - Eu quero sair daqui, João Jiló. E João Jiló respondeu: - Então, saia pelo nariz! E o passarinho: - No nariz te meleca. E João Jiló - Então, saia pelo ouvido. E o passarinho: - No ouvido tem muita cera. E João Jiló: - Então saia pela boca. E o passarinho: - Na boca tem saliva. E a barriga de João Jiló foi inchando, foi inchando, foi inchando e... Bum! Explodiu! O passarinho saiu voando contente e cantando: - Eu sobrevivi, João Jiló! Eu vim pra cantar, João Jiló! Sou bichinho do mato, João Jiló! Para piar! (Conto Tradicional Brasileiro).

Foto 3: Reconto Sonorizado da obra de Prieto (1997)



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 4: Reconto e exploração de Materiais Sonorizados



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Para realizar a atividade, percebemos que deveríamos desenvolver com as turmas um trabalho diferenciado, que as atraísse. Para isso, primeiramente, ampliamos nossos conhecimentos sobre o tema “leitura e contação de histórias”. E depois, desenvolvemos atividades a partir da exploração de leituras com as crianças, levando-as ao ambiente da biblioteca, um lugar essencial para a realização dos trabalhos.

1. A leitura no ensino fundamental: orientações teóricas

A principal intenção, com a S/D João Jiló, foi inserir as turmas em momentos de leitura na biblioteca para que elas ampliassem seu conhecimento de mundo por meio de práticas pedagógicas que abarcassem as múltiplas linguagens. A partir dessas práticas, almejávamos motivar sua frequência à biblioteca não somente para fins de pesquisa, mas,

também, para adquirir o gosto pela leitura literária. E, por acreditar na importância da leitura no cotidiano dos alunos como promotora de ensino aprendizagem, procuramos orientações no documento Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) para o qual,

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (BRASIL, 1997, p.40).

De acordo com Oliveira (2005), a importância do saber ler fortalece a capacidade de argumentação, amplia conhecimentos e ideias, tornando o leitor questionador. Contudo, para a construção de práticas de leituras, como alerta Klebis (2008), é preciso envolver os alunos leitores com as histórias lidas, propiciando-lhes uma relação significativa como livro para gerar habilidades e competências. Considerando a leitura como um dos processos fundamentais para adquirir o saber, do mesmo modo, foi necessário planejar atividades que permitissem que as crianças se expressassem por meio de múltiplas linguagens. De acordo com Gobbi,

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com ela, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: Teatro, cinema, dança exposições, literatura, música, ampliando e reivindicando o direito as manifestações artístico-culturais além do contexto escolar, transpondo-o de modo corrente e constante (GOBBI, 2010, p.3).

Assim, como o objetivo da S/D “João Jiló” foi trabalhar com leituras, entre outras linguagens, planejamos práticas que ofereceram às crianças atividades diversificadas. Proporcionamos-lhes a possibilidades para vivenciar momentos de leituras com exploração de ideias, expressões e manifestações, visando a formação de um leitor ativo e crítico.

Para que tudo o que foi exposto acima fosse concretizado, entre outros fatores, acreditamos que o espaço escolar, como aponta Klebis (2008, p. 39), “[...] além de contribuir para a formação de leitores, também deve oferecer condições para que o aluno se torne um leitor autônomo”. Sendo assim, a criança necessita conviver em seu cotidiano escolar com práticas de leituras, não somente para atribuição de notas, mas para construir o hábito da leitura e perceber sua importância na vida social como um recurso para adquirir conhecimentos e informações. Assim, os professores desde a alfabetização precisam destacar,

nas suas práticas pedagógicas, o sentido de ler para as crianças. A esse respeito, Gonçalves (2003, p. 10) afirma que é “[...] indispensável que desde os anos iniciais escolares, os textos, as frases, as palavras, as sílabas e as letras, [...] tenha um sentido para a criança, pois é a partir deste processo que ela poderá favorecer a criação”.

Diante desses referenciais, concluímos que, para desenvolver a SD “João Jiló” deveríamos explorar a biblioteca escolar tornando-a um lugar convidativo. Segundo Klebis (2008), as bibliotecas, em geral, ainda são conhecidas pelos alunos como lugares poucos agradáveis, nas quais imperam o silêncio e a ordem, desestimulando a busca pelo saber.

2- O som das histórias: o desenrolar da sequência didática

Como foi exposto, a Sequência Didática, intitulada “João Jiló”, envolveu crianças de duas turmas dos quarto e quinto anos do Ensino Fundamental. As atividades ocorreram nos meses de maio a junho, uma vez por semana, e contaram com apoio da professora das turmas, especificamente, da responsável pela disciplina Leitura, Literatura e Produção Textual, e da participação da equipe do Pibid³.

O objetivo da SD foi que as crianças conhecessem as características de uma história sonorizada, discutindo os recursos sonoros, visuais e expressivos que a compõe para manifestar sentimentos em relação ao enredo por meio de diferentes linguagens. Nesse contexto, pretendemos, ainda, que elas atuassem em grupos; que observassem as propriedades dos sons; que articulassem sons e imagens e que discutissem preferências e argumentassem sobre elas.

Assim, para explorar a S/D, elegemos como tema a história musicada “João Jiló”, que foi finalizada com uma dramatização e exposição, atividades que integraram o I Sarau do Pibid/Pedagogia no Avani. No processo, a turma do quinto ano, criou efeitos para apresentar o enredo da história, utilizando técnicas e efeitos de dramatização (com teatro de sombras; com fantoches de feltro e de varetas e dramatização corporal), e a turma do quarto ano expressou-se por meio de desenhos; pinturas no isopor com molde vazado; colagem de tecidos e de revistas. Todos os trabalhos e as apresentações foram expostos e foram apreciados pelas duas turmas e por outras crianças da escola.

3- O percurso de (re)criação das crianças

Passo 1: Aprendendo a se expressar por meio de desenhos

Para dar início à execução da S/D, no primeiro encontro, objetivamos, além da exploração da leitura, que as crianças conhecessem diferentes possibilidades de utilização do giz de cera para ampliar seu repertório gráfico que lhes ajudasse a construir, posteriormente, os desenhos da história João Jiló. Assim, lemos para elas a obra “O médico fantasma” (PRIETO, 1997).

Para nossa surpresa, um menino pediu para recontá-la, indicando que a leitura havia sido significativa e, após a exploração oral, sugerimos que as crianças expressassem suas impressões acerca do enredo utilizando o giz de cera e as canetas coloridas.

A experiência revelou-nos uma indicação importante, “[...] A maioria das crianças não sabia o que desenhar” (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014, grifos nossos). Assim, a atividade contou com a intervenção da supervisora do Pibid⁴, que contribuiu, ensinando aos alunos como utilizar o pontilhismo⁵, as linhas, as texturas e outras formas de dar “vida” aos desenhos. (conforme foto 5).

Foto 5: Mediação da Arte-Educadora



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 6: Técnica explorada com texturas



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Como consequência, devido à experiência mediada, no momento no qual as crianças iniciaram os desenhos, elas deixaram de se preocupar com o que desenhar e passaram a explorar as possibilidades de criação que estavam à sua frente, (foto 7). Indicando que, desconheciam as técnicas com o uso do giz de cera em conjunto com outros instrumentos como a lixa e a canetinhas. É importante sinalizar que, nessa oportunidade, não foram somente os alunos que aprenderam, pois as professoras e as pibidianas também adquiriram conhecimentos, (foto 8).

Foto 7: Técnica: produções com giz de cera, pelas crianças



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 8: Mediação da Arte-educadora com as bolsistas



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 2: Ampliando o repertório cultural

Dando continuidade às SD, no segundo encontro, objetivando que as crianças ampliassem conhecimentos sobre como montar a dramatização, assistimos o vídeo da história “Vento Norte”, de Bia Beltrão, parte dessa experiência está na (foto 9). O vídeo permitiu que as crianças pudessem identificar os sons da história, como os sons do vento, o da bateria, o da guitarra e o teclado, entre outros. Em relação aos recursos utilizados pela mídia, elas destacaram o fantoche, o efeito das luzes e da escuridão do/no palco. Encantaram-se com o impacto gerado pela utilização de um simples tecido que fixo em um cabo de vassoura, favoreceu que a cantora, “magicamente”, transformasse o instrumento em bengala e produzisse sons.

[...] “Como ela consegue mexer o fantoche?” E respondemos: “Com a mão, fazendo movimento com os dedos”. Ele respondeu que gostaria que no nosso momento de contação da história tivesse fantoches. Alertando-nos como atividade significativa (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 9: Crianças assistindo ao vídeo “Vento Norte”, de Bia Beltrão



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 3: Que sons tem no mundo?

Como a SD previa que as crianças criassem recursos para apresentar a história João Jiló, avaliamos quem, para inserir efeitos sonoros, elas precisariam, antes, conhecer as propriedades do som, o que configurou na proposta do terceiro encontro. Neste dia, os alunos, “observaram” os sons que existiam do mundo, que eram possíveis serem percebidos dentro da biblioteca. (foto 10).

Mas, para isso, eles tinham que primeiro ouvir o silêncio, ficar quietos, o que, para eles, foi muito difícil, já que a turma era agitada. Uma menina, a mais velha da turma, não fechou os olhos. Pensamos que, para ela, a atividade era desinteressante, mas, depois, quando saímos da biblioteca para observar os sons externos, interessou-se pela atividade (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Depois, também, realizamos um “passeio em silêncio” pela escola e exploramos os diferentes sons da natureza. (foto 11). E, na volta do passeio, as crianças elencaram coletivamente suas descobertas. (foto 12).

[...] os sons foram explorados a todo o momento através de uma indagação “O que vocês estão ouvindo agora? Oh! presta atenção!” (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Todos participaram, e através de registros no mural foram relatando os sons que ouviram dentro biblioteca; computador, pessoas andando, câmera, folhas. No ambiente externo da escola; vento folhas caindo no chão, moto, carro, crianças conversando (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 10: Percebendo os sons no ambiente da biblioteca



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 11: Passeio pela escola para perceber os sons externos



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 12: Registro coletivo dos sons percebidos



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 4: Tipos de sons

Dando continuidade à SD, no quarto encontro, organizamos o espaço da biblioteca selecionando algumas obras do acervo literário do Pibid, expostas sob as mesas. Como conteúdo, definimos a leitura individual. No início da atividade, os alunos conversaram. Por isso, tivemos que interferir, lembrando-lhes a importância do silêncio vivenciado na atividade da aula passada. Dissemos-lhes que a leitura deve ser feita em silêncio para concentração e entendimento do que está sendo lido. Aos poucos, a turma foi se interessando. No decorrer das leituras, o que nos chamou a atenção foi que os grupos queriam compartilhar os livros, e socializar as figuras e as frases da história que lhes interessavam. (foto 13 e 14).

“Professora posso trocar de livro?”

“Este livro tem aqui na biblioteca? vou pegar” (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Um menino conseguiu ler três livros, e quando a atividade terminou relatou que gostaria de ler mais, ou seja, demonstrou que gostou desse momento. Uma menina disse: “Professora posso trocar de livro novamente?”. Observamos que este

momento de leitura proporcionou para os alunos não só o contato com o livro, mas a socialização do livro escolhido com o colega (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 13: Leitura compartilhada



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 14: Leitura compartilhada



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Após a atividade, propusemos às turmas o jogo “Bingo Sonoro” (foto 15). Com figuras de objetos diversificados em mãos, os alunos identificaram os respectivos sons relacionando-os com as imagens das cartelas. Enquanto ouviam os sons, investigávamos sobre as possibilidades sonoras.

No caso do som do rio, questionamos sobre que som era aquele. Os alunos responderam que poderia ser “descarga ou água”. Quando ouviram o som do “boi” responderam que parecia o som de uma “vaca”. Com o barulho da chuva um aluno disse: “Que frio”. Já outro, identificando o som da girafa, disse “pescoço grande”, e fez os gestos e sons dos animais que iam sendo apresentados. Foi uma festa. Todos queriam ganhar o jogo, alguns confundiam os sons, mas a atividade foi um sucesso. Saiu como planejávamos e os alunos se envolveram muito (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 15: Bingo sonoro



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 5: Conhecendo “João Jiló”

No quinto encontro da SD, o grupo Pibid organizou o espaço do salão com cenários para dramatizar para os alunos a história “João Jiló”, (foto 16 e 17). Objetivando que

conhecessem o enredo e mostrar-lhes as características da dramatização. Antes de iniciarmos a apresentação, realizamos uma leitura deleite da história *A Coisa*, de Ruth Rocha (1996).

Perguntamos o que eles acham que tinha. Uns falavam monstros, fantasmas, bichos. Perguntamos também se eles tinham medo de alguma coisa. A maioria disse que não. No entanto, no decorrer da leitura, observamos que suas expressões e gestos demonstravam medo. Um aluno sugeriu fazermos uma experiência em casa. Deu a ideia de apagar a luz, refletindo a lanterna no rosto em frente a um espelho. Para ele, isso seria bem assustador, pois que a imagem refletida poderia ser parecida com a de um fantasma. Os outros alunos riram, mas, no final, concordaram. Isso demonstrou o seu interesse e atenção pela história. Este aluno que deu a ideia não sabia, mas, no desfecho da história era isso que ocorria de fato (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Após a leitura, iniciamos a dramatização da história *João Jiló*. Os alunos fizeram silêncio, ficaram atentos às cenas, riram, cantaram e se emocionaram. Houve o interesse de todos, que, empolgados, cantaram as músicas do enredo: “Depena devagar João Jiló, que esse passo dói... dói... dói... dói”.

Foto 16: Crianças assistindo à Dramatização João Jiló



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 17: Dramatização João Jiló pelas pibidianas e assistido pelas crianças



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 6: Construindo a história João Jiló

No decorrer da SD as crianças dos quartos e quintos anos dividiram tarefas acerca da história “João Jiló”.

Na turma do quarto ano algumas crianças expressaram sentimentos por meio das artes visuais (colagens com revistas, fantoches de varetas e pintura no isopor) e outras construíram os fantoches de vareta, (foto 18 e 19), que foram cedidos aos colegas do quinto ano para montar a contação que seria apresentada no Sarau.

Quando falamos que a outra turma iria usar os fantoches feitos por elas, uma menina disse “que orgulho” e caprichou no desenho (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Houve um questionamento no decorrer das produções dos fantoches de vareta. Uma menina desenhou o “João Jiló” com o cabelo cacheado e a outra desenhou a mãe do menino com o cabelo liso. Ambas questionaram que os cabelos eram diferentes. Outra menina hipotetizou que ele poderia ter “puxado” o cabelo do pai, mas, logo corrigiu: lembrou que o enredo não menciona a figura do pai e indagou: “Será que ele tem pai?” (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 18: Grupo 3: construindo fantoches de varetas para o Sarau



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 19: Grupo 3: Produções finais das crianças, fantoches de varetas



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Com a experiência, as crianças exploraram as texturas, as cores e muitos materiais diferenciados. Os alunos que desenvolveram a pintura no isopor, (foto 21). No início, ficaram intimidados, pois desconheciam o suporte. Por isso, iniciaram os trabalhos com cuidado, mas, no decorrer da atividade eles apropriaram-se, lentamente, da textura e das possibilidades que a técnica lhes oferecia.

Começaram a ocupar todo o espaço do isopor. A pintura se iniciou com pincel e a professora Marceli sugeriu que eles experimentassem a esponja. Os alunos gostaram da experiência com a esponja e deixaram o pincel de lado (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Foto 20: Grupo 4: Produção de uma criança com a técnica de molde vazado



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 21: Grupo 4: Produção de uma criança com a técnica da tinta no isopor



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Do mesmo modo, percebemos muitas aprendizagens no grupo que utilizou a técnica com colagens de tecidos, (foto 22). Embora, no início as crianças tenham demonstrado inquietação por não saber por onde “começar”. Uma delas questionou: “[...] professora que desenho irei fazer?”. Respondemos que poderia registrar uma personagem da história. Porém, ela e outras crianças não conseguiam apresentar suas produções e pediram a todo o momento pela nossa mediação. Apesar das orientações para diversificação no desenrolar dos desenhos elas recriaram o mesmo personagem, o pássaro. Não houve a recriação de novos desenhos.

Avaliando a situação, percebemos que a reação das crianças, de reproduzir um modelo, faz parte do processo de sua escolarização. Sabemos que muitos professores preferem trabalhar com modelos prontos para que sejam seguidos à risca. Porém, “[...] limitando as linguagens oferecidas à criança, estamos, também, limitando seus instrumentos privilegiados de relação com o mundo no qual estão inseridos” (BRASIL, 2006, p.18). Sendo assim, aprendemos que o professor possui um papel importante na formação artístico-cultural das crianças. É necessário valorizar o processo de criação e a qualidade daquilo que oferecemos para garantir-lhes a ampliação de repertórios, com propostas significativas de trabalho com a Arte. É preciso estimular o processo de criação.

Da mesma forma, as crianças que exploraram o desenho com colagens de revistas, (foto 23), também copiaram o mesmo desenho umas das outras. A maioria optou por desenhar o menino “João Jiló”.

Foto 22: Grupo 1: construindo representações da história utilizando desenho e colagem com revistas



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 23: Grupo 2: construindo representações da história utilizando desenho e colagem com tecidos



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Apesar do exposto, avaliamos que houve aprendizagens. Os dois grupos trabalharam coletivamente e compartilharam materiais - tesouras, colas, lápis de cor, entre outros. Apesar de produzir desenhos semelhantes, cada um tinha características próprias, relacionadas às suas habilidades individuais e de criação.

Enquanto as crianças do quarto ano se expressaram por meio das artes visuais, as crianças do quinto ano ficaram responsáveis pela apresentação da história. Elas prepararam uma dramatização para ser socializada no I Sarau do Pibid/Pedagogia no Avani. Esse momento foi permeado por aprendizagens e conflitos.

Mediando cada grupo, apoiamos os ensaios para a apresentação do teatro de sombras; do teatro com fantoches de feltro; do teatro com fantoches de varetas e de uma dramatização. Em relação à essa última proposta, a princípio, no momento do ensaio, pensamos que não daria certo, pelo fato de que o grupo era formado por meninos. Imaginávamos que eles ficariam com vergonha na hora da encenação. No entanto, eles gostaram. Participaram ativamente. Em cada verso expuseram ideias sobre o figurino e o cenário. Também houve a participação dos garotos na elaboração das cenas. Todos se comprometeram em colaborar, trouxeram materiais diversificados que contribuía com o cenário e com o figurino.

Apesar de termos realizado apenas um ensaio das dramatizações, o momento foi proveitoso e prazeroso, rico em ideias dos alunos, com opiniões e críticas construtivas. Eles dialogaram, externaram hipóteses e sugestões: “Se você fizer desse jeito eu acho que vai ficar melhor!”. Foi um momento de respeito do grupo do Pibid para com as crianças, protagonistas do processo. Quase não opinamos, contudo, atuamos como mediadoras, cumprindo nossa função pedagógica. Oferecemos-lhes dicas de como poderiam se movimentar e de como manifestar e criar expressões. Não houve desorganização no ensaio da encenação. Cada aluno se preocupou com seu papel, sem interferir na atuação do colega. (foto 24)

Fizemos o primeiro (e único) ensaio e verificamos que eles tinham expressão corporal e facial, se movimentaram por todo o espaço do “palco”. Também, tiveram disciplina, pois, apesar de ter partes na história que, até mesmo nós, não seguramos as risadas, eles continuaram firmes, sem rir. Estavam concentradíssimos (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

Nesta perspectiva, ao propor a dramatização para a turma do quinto ano, não pretendíamos apenas que eles encenassem a história, mas que exercitassem a imaginação, o faz de conta, o domínio corporal, entre outras habilidades possíveis. E, no percurso do ensaio, com a nossa mediação, propiciamos-lhes liberdade para criação e expressão. Sobre a importância do teatro na escola na prática pedagógica, Miranda (2009) aborda que

O teatro tem um papel importante na vida do estudante, uma vez que, sendo devidamente utilizado, auxilia no desenvolvimento da criança e do adolescente como um todo, despertando o gosto pela leitura, promovendo a socialização e, principalmente, melhorando a aprendizagem dos conteúdos proposto pela escola (MIRANDA et.al, 2009, p.05).

Em relação ao grupo que preparou a atividade da dramatização com fantoches de feltro, a turma, inicialmente, parecia ter gostado da proposta, pois todos os alunos contribuíram para a reconstrução da história. Todos ajudaram. Mas essa empolgação não durou muito tempo. Eles começaram a brincar, mostrando-se tímidos, o que atrapalhou a atividade.

Podemos analisar que, nós, pibidianas, não estávamos preparadas para ensiná-los a dramatizar com os fantoches de feltro. Acreditamos que, antes de termos proposto a atividade, deveríamos ter apropriado dessa técnica. E para isso, precisaríamos, antes de tudo, pesquisar formas de trabalhar para depois, apresentar para eles, ensiná-los a manusear e explorar este recurso.

Já com o grupo que atuou com os fantoches de vareta, utilizando o material confeccionado pela turma do quarto ano, o ensaio foi bem sucedido. As crianças estavam unidas e organizadas. Assim que sentamos para conversar, uma menina “tomou a frente do grupo”, e propôs quem ficaria com determinado personagem da dramatização. O grupo respondeu ao chamado da colega e ofereceu-lhe ideias, entre elas, “que cada uma deveria copiar sua fala para ensaiar”, o que revelou interesse, responsabilidade e parceria da equipe.

Foto 18: Ensaio do grupo da dramatização para a apresentação “João Jiló”



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Passo 7: A organização do I Sarau do Pibid/Pedagogia no Avani

Para finalizar a SD, socializamos todas as produções artísticas no I Sarau do Pibid/ Pedagogia da Escola Avani. Convidamos as crianças dos dois primeiros anos da instituição para participar. E, para receber os convidados, organizamos o espaço externo da escola com tapetes e montamos os palcos.

Avaliando o I Sarau do Pibid/Pedagogia no Avani, especificamente em relação às exposições das artes plásticas, organizado pelas crianças do quarto ano, observamos que alguns

[...] alunos não queriam falar sobre seus desenhos, e já outros falavam e até inventaram novos significados. Um enfrentou a timidez e foi até seu desenho e comentou que tinha desenhado o “João Jiló”. Contou que realizou o desenho com a técnica de tinta no isopor. Motivado pela coragem do colega, outro aluno foi à frente e relatou que gostou da parte da história que acontecia na floresta, e, então, desenhou e pintou no isopor colocando árvores com maçãs (Diário de Bordo, Bolsista Pibid, 2014).

No I Sarau, por meio da exposição de artes visuais, objetivando valorizar a importância das criações das crianças, como orienta (BRASIL, 2006). Por isso, além de expor, as produções foram oralmente socializadas por cada autor, que demonstravam orgulho e timidez, em alguns casos, no momento de apresentar sua criação. Durante as falas e, a partir dos desenhos, as crianças revelaram ao público as técnicas que aprenderam. E, no decorrer das apresentações, novos repertórios foram construídos na interação com o outro. No final, com a experiência, todos aprendemos juntos.

Foto 19: Exposição das produções das crianças.



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 20: Exposição das produções das crianças.



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 21: Exposição das produções das crianças.



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Com a turma do quinto ano, observamos algumas dificuldades iniciais no momento das apresentações, pois as crianças ficaram desconcentradas, pois haviam ensaiado

sem o microfone. Isso tornou a apresentação desorganizada, mas, no decorrer, tudo mudou e elas ficaram felizes porque conseguiram concluir de forma positiva e agradar o público.

Foto 22: Apresentação da história “João Jiló” com fantoches de varetas



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 23: Apresentação da história “João Jiló” com fantoches



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 24: Apresentação com Teatro de Sombras da história “João Jiló”



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Foto 25: Apresentação dramatizada da história “João Jiló”



Fonte: Acervo PIBID/UEMS 2014

Refletindo o processo, inicialmente, enfrentamos dificuldades no momento de buscar as crianças na sala para irem à biblioteca. No trajeto, elas corriam e conversavam. Acreditamos que essa reação indica que as turmas não tinham o hábito de visitar a biblioteca, o que tornava aquele momento importante por alterar sua rotina. Para resolver a situação, em cada encontro semanal, lembrávamos como deveriam se comportar ao entrar e sair da sala para respeitar as turmas que estavam estudando. E, aos poucos, conseguimos desenvolver com êxito a organização dos alunos. Não havia agitação e o interesse e curiosidade das crianças para saber qual história seria lida e qual atividade “diferente” seria feita naquele dia, despertava-lhes o desejo de estar lá. Elas habituaram-se à rotina semanal de ir à biblioteca e acreditamos que conseguimos aproximá-los do acervo.

Algumas considerações

No início dos trabalhos do Pibid, observando as reações e vozes das crianças, percebemos que elas tinham o desejo de participar de atividades diversificadas, pois “[...] só ficavam dentro da sala sentados e copiando textos”. Assim, procuramos metodologias para planejar atividades prazerosas, envolvendo as múltiplas linguagens, mas que lhes gerassem aprendizagens. E, por meio desta SD, acreditamos que o objetivo foi alcançado.

A oportunidade proporcionada às pibidianas do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da UEMS, por meio da bolsa do Pibid/Capes, contribuiu para a ampliação dos nossos repertórios profissionais, com ricas experiências para a construção da nossa identidade docente.

Assim, experiências foram criadas no decorrer das vivências com os alunos e com a rotina da escola. As interferências das professoras, das supervisoras e das bolsistas, foram importantes, pois, elas apoiaram o trabalho, transmitindo seus conhecimentos para o melhor desenvolvimento das atividades propostas. E, construindo posturas de professoras pesquisadoras, procuramos conhecer as crianças para garantir anseios e observar suas necessidades, refletindo acerca das atividades propostas.

Constatamos na elaboração e execução da Sequência Didática “João Jiló”, que estimular nas crianças o hábito da leitura não pode ocorrer apenas com o foco na linguagem oral e a escrita, uma reclamação das crianças.

É necessário, conhecer e explorar outras manifestações possíveis de linguagem, como as das artes visuais, da música, da dança, entre tantas, que são favoráveis à formação de leitores, é, muitas vezes, secundarizadas pelos profissionais da educação.

Com a S/D João Jiló ficou mais claro para nós a importância de envolver os profissionais da educação em projetos de formação continuada que discutam a formação de leitores de forma que eles construam novas possibilidades para desenvolver atividades significativas e diversificadas que cativem os alunos para leituras, que estabeleçam contato com os acervos literários das escolas, tornando o ambiente da biblioteca escolar com potencial mediador para a construção de leitores críticos.

ABSTRACT

Rereading Stories: the multiple languages in the living library

This text records the clipping of an experience of the Institutional Program of Introduction to Teaching, Pedagogy Course, the State University of Mato Grosso do Sul in the year 2014. It presents the teaching sequence "John Jiló" that involved children from the room classes and fifth grade of elementary school, the Municipal School Professor Avani Cargnelutti Fehlauer, located in Dourados-MS. The activities occurred in the months of May and June of this year and joined the Living Library Project. We define objectives of PIBID activities bring the children of the literary estate of the institution's library and encourage reading habits, enabling them to express themselves through a variety of languages. As a result, we developed the instructional sequence John Jiló so that children be involved in reading times and broaden their world knowledge. The activities were conducted once per week. There conversation circles, contações and readings of stories and artistic creations. As culmination, organized the exhibition of works produced and the presentation of the drama of history "John Jiló". To analyze the proposed and executed, we have relied on the pibidianas logbook records, analyzed with the help of theoretical and education area of the documents, including the National Curriculum Parameters of the Portuguese language. As a result, the children approached the school library and expressed support with the language of art, such as drama, painting, drawings in coordination.

Keywords: Rereading; Multiple Languages; Pibid; School Library.

Notas Explicativas

¹ Projeto Institucional Iniciação à docência, vínculo entre universidade e escolas de educação básica UEMS/PIBID.

² As sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos.

³ Entre elas, as acadêmicas da Pedagogia, bolsistas Pibid, Gabriela Arcas de Oliveira e Vanessa Araújo Andrade.

⁴ Professora Marceli Pereira Mendes. Supervisora do Pibid 2014.

⁵ Técnica de pintura em que o artista faz desenhos e representações usando pequenos pontos ou manchas, dando ao observador, um efeito ótico diferente da pintura convencional.

Referências

BRASIL. LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. Secretária de Educação Básica. Secretária da Educação a Distância. livro de estudo. Modulo IV, unidade 3. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!** Campo Grande MS: Alvorada, 2012.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil. In: **I Seminário Nacional Currículo em Movimento Perspectivas Atuais**, 2010, Belo Horizonte.

Anais. Currículo em Movimento Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, nov. 2010. p. 01-21. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110:i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento-&catid=195&Itemid=86>. Acesso em: 10 set. 2014.

GONÇALVES, Débora Souza Neves. A Importância da Leitura nos Anos Iniciais. São Gonçalo – Rio de Janeiro, 2013. 20 p. **Trabalho de Conclusão de Curso.** Disponível em:<<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2014.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. **Leitura na Escola:** problemas e tentativas de soluções. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na Escola. São Paulo: Global: ALB, 2008, p.36-39.

LAGE, Ana; BELTRÃO, bia. **Vento Norte.** Campos dos Goytacazes, mai. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v_TXUhxsABU&spfreload=10>. Acesso em: 09 set.2014.

MIRANDA, Juliana Lourenço, et al. **Teatro e a Escola:** funções, importâncias e práticas. Revista CEPPG – CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XI, Nº 20, p. 172 - 181. 2009. Disponível em:
<http://www.portalcatalao.com/painel_clientes/cesuc/painel/arquivos/upload/temp/a1129237b55edac1c4426c248a834be2.pdf>. Acesso em: 07 set. 2014.

OLIVEIRA, Elaine Campos da Silva. **Hábito de Leitura.** Universidade Cândido Mendes pós-graduação “Lato Sensu” projeto a vez do mestre. Rio de Janeiro, p.08-32, julho 2005. Disponível em:
<http://www.avm.edu.br/monopdf/8/ELIANE%20CAMPOS%20DA%20SILVA%20DE%20OLIVEIRA.pdf>>.Acesso em: 12 ago. 2014.

PRIETO, Heloisa. O médico Fantasma. **Lá vem história outra vez:** contos do folclore mundial. São Paulo. Companhia das letrinhas, 1997. p. 12-13

ROCHA, Ruth. **A Coisa.** São Paulo: FTD, 1997.